

Para citar esse documento:

SÁ, Andreza Lucena Minervino de; SILVA, Renata de Lima. O ensino da dança através do jongo. *Anais do V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança*. Natal: ANDA, 2017. p. 74-80.



www.portalanda.org.br

O ENSINO DA DANÇA ATRAVÉS DO JONGO

Andreza Lucena Minervino De Sá (UFG)*
Renata de Lima Silva (UFG)**

RESUMO: O presente resumo expandido discute, a partir de uma investigação de iniciação científica, a presença da cultura popular brasileira, mais especificamente de manifestações expressivas tradicionais de matriz africana, como conteúdo do ensino da Dança no contexto escolar. O Jongo, também conhecido como Caxambu, Batuque, Tambor e Tambu, típico da região sudeste do Brasil, como possibilidade técnica e poética de abordagem do corpo em movimento, do corpo em relação ao outro (jogo) e do sujeito em relação a história e cultura afro-brasileira. O ensino da Dança através do Jongo como uma maneira de atrelar a educação do sensível a uma proposta pedagógica de educação para as relações étnico-raciais.

PALAVRAS-CHAVES: Dança. Educação. Jongo.

ABSTRACT: This expanded abstract discusses, from a scientific initiation research, a presence of the Brazilian popular culture, more specifically of expressive manifestations traditional of African matrix, as content of the teaching of Dance in the school context. The *Jongo*, also known as *Caxambu*, *Batuque*, *Tambor* and *Tambu*, typical of the southeastern region of Brazil, as technical technique and poetic approach of the body in movement, the body in relation to the other (play) and the subject in relation to history and Afro-Brazilian culture. The teaching of Dance through the Jongo as a way to learn and educate a pedagogical education education for ethnic-racial relations.

KEY-WORDS: Dance. Education. Jongo

“EU VOU ABRIR MEU CONGO Ê...”

Ao reconhecermos a importância do ensino da Dança no contexto escolar e também a importância da Dança dialogar com temas transversais e demandas políticas relacionadas à diversidade, investigamos as possibilidades de ensino da dança através do Jongo.

Muito embora a cultura e história africana e afro-brasileira sejam conteúdo obrigatório da formação de estudantes, pesquisas recentes têm mostrado que essa temática ainda encontra dificuldade de adentrar os portões das escolas, justamente devido a lacunas na formação de professores.

Marques (2001), ao discutir metodologias desenvolvidas para pensar a dança na escola, considera ser indispensável utilizar o ensino da Dança como caminho para criticar, problematizar os contextos sociais em que estamos inseridos. Nesse sentido pautar o ensino da cultura afro-brasileira através da Dança é problematizar e questionar os padrões estéticos hegemônicos, baseado em epistemologias colonialistas e agir no sentido de potencializar a educação para as relações étnico-raciais e para diversidade.

Diretrizes para o ensino da Dança apontam para essa linguagem artística como um lugar de construção de saberes, multiplicidade de contextos e que trás consigo um caráter social e político, que possibilita a problematização de conceitos aprisionadores em favor de práticas que representem a diversidade da dança nos diversos aspectos. A dança na escola poderia então possibilitar ao aprendiz o conhecimento crítico e prático das diversas produções artísticas e culturais, ampliando a compreensão sobre o campo da arte, para que o aprendiz possa articular os conteúdos apreendidos na escola ao seu contexto, transformando e problematizando as percepções sobre corpo, dança e sociedade.

Nesta perspectiva acreditamos que manifestações culturais tradicionais de matriz africana podem contribuir para o ensino da Dança a medida que trazem em si a marca do seu contexto social bem como de seu histórico de resistência e criatividade.

A presente discussão é uma sistematização da pesquisa de iniciação científica em que se dedicou a pensar as maneiras e a pertinência com que o Jongo poderia ser introduzido no ensino da Dança, estando atento aos riscos da descontextualização da cultura popular e o desafio de abordar manifestações de

matriz africana frente a concepções de senso comum, calcados no preconceito étnico racial, que tendem renegar e marginalizar os batuques brasileiros.

“NO REPIQUE DO TAMBÚ”

"No meu tempo de cativoiro

Negro apanhava de sinhô

E rezava Santa Maria

Liberdade nosso Senhor"

(Ponto de jongo)

O Jongo é uma manifestação cultural afro-brasileira, expressão que integra percussão de tambores, dança coletiva e elementos mágico-poéticos. É cantado e tocado de diversas formas, dependendo da comunidade que o pratica, sendo conhecido também como: Caxambu, Batuque, Tambor e Tambu.

Acontece nos quintais das periferias urbanas e de algumas comunidades rurais do Sudeste brasileiro, assim como nas festas dos santos católicos e divindades afro-brasileiras, nas festas juninas, no Divino e no 13 de maio, dia abolição dos escravos.

Têm suas raízes nos saberes, ritos e crenças dos povos africanos, sobretudo os de língua bantu. Consolidou-se entre os escravos que trabalhavam nas lavouras de café e cana-de-açúcar localizadas no Sudeste brasileiro, principalmente no vale do Rio Paraíba do Sul.

Proclamado Patrimônio Cultural Brasileiro em novembro de 2005 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Jongo foi registrado no Livro das Formas de Expressão. Existem alguns grupos no Rio de Janeiro: O Caxambu de

Miracema, O Jongo de Pinheral, O Jongo da Serrinha, e também em São Paulo: O Jongo de Cunha, O Jongo de Piquete, O Jongo de Lagoinha.

As festas de santos padroeiros, as do período junino, de Nossa Senhora do Rosário e Santa Rita, as de algumas divindades afro-brasileiras, como Iemanjá e os Pretos-velhos, as comemorações do Dia do Trabalho (1º de maio), da Abolição (13 de maio) e do Dia da Consciência Negra (20 de novembro), bem como os aniversários de pessoas importantes das comunidades, são ocasiões que mobilizam os jongueiros para cantar e dançar. Desde 1996 realiza-se também anualmente o Encontro de Jongueiros. Trata-se de uma espécie de festival itinerante, sediado a cada ano por um grupo, em sua cidade.

Caxambu, Jongo e Tambor são criações originais das populações negras do Sudeste, elas apresentam alguns traços comuns quanto aos modos de atuação e significados, que fundamentaram a decisão de registrá-las como uma forma de expressão: a) a formação dos participantes numa roda animada por pelo menos dois tambores de tamanhos diferentes; b) os solos coreográficos de indivíduos ou de casais, geralmente no centro da roda; c) as várias formas de alternância entre um solista (homem ou mulher) que puxa o ponto e o coro dos dançarinos que o repete, na íntegra ou parcialmente, ou que canta um estribilho; d) os pontos, geralmente improvisados, que constituem enigmas a serem decifrados por outros solistas; e) as narrativas sobre os efeitos extraordinários produzidos por pontos não decifrados ou pelo poder que emana do jongo; f) as reverências aos ancestrais jongueiros e, algumas vezes, aos tambores, com eles identificados.

Nos diversos grupos de Jongo existem organizações espaciais diferentes, em alguns grupos os percussionistas ocupam o centro da roda, em outros eles fazem parte da roda. Às vezes a roda gira no sentido anti-horário, outras vezes permanece parada. Existem também diferentes maneiras de se praticar o Jongo, essas variam de acordo com a região, comunidade ou grupo jongueiro.

Os brincantes jongueiros se dirigem ao centro da roda e executam um solo coreográfico, até que outro participante da roda substitua um dos brincantes do par solista. Em alguns grupos jongueiros é possível notar a presença da umbigada, um gesto coreográfico em que dois dançarinos se aproximam e, erguendo os braços e inclinando o torso para trás, encostam ou fazem menção de encostar seus umbigos. Ela ocorre na troca de par ou nas entradas e saídas da roda.

Os tipos e o número de instrumentos e o modo de combiná-los variam de grupo para grupo jongueiro. São usados basicamente instrumentos membranofones (tambores e puítas), de tamanhos e tipos diversos. Geralmente, o tambor maior, denominado tambu ou caxambu exerce a função de solista do conjunto, isto é, nele é executado não somente um ostinato de base, como no candongueiro ou nos demais tambores, mas também variações. Os tambores podem ser, basicamente, de três tipos. Os de tronco escavado, cobertos com pele de animal presa por pregos e são fabricados artesanalmente nos núcleos jongueiros.

Do mesmo modo como na dança os participantes ocupam ora o centro, como solistas, ora a roda, como partes de um conjunto, no canto também há alternância entre indivíduo e grupo. Quem canta ou diz o ponto é sempre um indivíduo, logo seguido pelos participantes, que respondem em uníssono, criando assim uma dinâmica de pergunta e resposta musicada. O ponto é a expressão vocal do Jongo, e está diretamente ligada com a dança e com a sonoridade dos instrumentos.

O ponto é feito pelo solista como uma espécie de recitativo, que se transforma, quando vai chegando ao fim, num canto curto. Os tambores começam então a soar, incitando os participantes à dança.

A importância de se trabalhar o Jongo na escola ancora-se, para além de questões técnicas, na poética dessa manifestação construída em uma relação de identidade e resistência cultural presentes na cultura afro-brasileira, tecida no respeito pelos antepassados e na valorização de uma cultura que é viva e dinâmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CAMINHOS DO JONGO PARA A ESCOLA

“Eu vou abrir meu Congo é

Eu vou abrir meu Congo á

Primeiro eu peço a licença

A rainha lá do mar

Pra salvar a povaria

Eu vou abrir meu Cango á”

(Ponto de jongo)

Segundo Oliveira (2011, p.19) “o respeito do ser humano pelas coisas resulta do conhecimento das mesmas”, por isso é importante que o Jongo seja apresentado aos aprendizes com cuidado, para que a prática dessa manifestação na escola seja iniciada de uma maneira positiva, tanto para os aprendizes como para toda a comunidade escolar.

Para isso é necessária uma contextualização histórico-social do Jongo, bem como fazer o uso de alguns materiais fotográficos e de vídeo sobre o Jongo, como por exemplo o documentário Jongos, Calangos e Folias: Música Negra, Memória e Poesia, produzido pela Universidade Federal Fluminense, que é um material audiovisual riquíssimo para auxiliar o professor.

Em seu texto Oliveira (2011) destaca também alguns princípios metodológicos comuns a algumas manifestações populares, dentre elas o Jongo que podem ser usados como base para trabalho em dança. São elas a repetição/improvisação, a interdisciplinaridade/presença, o ritmo/musicalidade, e a relação com o outro e com o espaço, esses princípios são fundamentais para se pensar a organização corporal e espacial do corpo na dança, bem como a

apropriação dos conteúdos por meio da repetição, algo tão caro e necessário.

Tendo como base esses quatro princípios podemos iniciar o trabalho com o Jongo, utilizando-se jogos espaciais de improvisação em duplas onde o foco é a relação com o colega e a percepção do outro e de si mesmo no espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOSSIÊ IPHAN 5. **O Jongo no Sudeste.** Disponível em:
http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_jongo_m.pdf

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos.** 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, Joana Abreu Pereira De. **Módulo 26: Arte e cultura popular.** Brasília, 2011.

* Estudante do 5º período do curso de licenciatura em Dança da Universidade Federal de Goiás, bolsista Prolicen. Membro no Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22 (NuPICC)

** Professora do curso de licenciatura em Dança da Universidade Federal de Goiás. Doutora e Mestre em Artes pela Universidade Estadual de Campinas. Membro no Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22 (NuPICC)